



Tatu
bola

Liao sente pena do grilo que sua família mantém engaiolado para trazer felicidade à casa em que moram. Mas pode garantir a felicidade alheia quem perdeu a própria liberdade? Como então resistir às súplicas do pobre grilo? Que males poderiam daí advir?



Jean-François Chabas | David Sala

A felicidade aprisionada



A felicidade aprisionada

texto Jean-François Chabas

ilustrações David Sala

tradução Marcos Bagno



A *felicidade*
aprisionada

*Para Corinne Abensour.
Estudiantes afortunados!*

(J.-F. C.)



Título original em francês *Le bonheur prisonnier*
© Casterman, 2011
www.casterman.com

Coordenação editorial Graziela R. S. Costa Pinto
Edição e preparação Fabio Weintraub

Edição de arte Leonardo Carvalho e Natalia Zapella
Diagramação Ana Dujardin
Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Produção industrial Alexander Maeda
Impressão Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chabas, Jean-François

A felicidade aprisionada / Jean-François Chabas ;
ilustrações David Sala ; tradução Marcos Bagno.
-- São Paulo : Edições SM, 2014.

Título original: *Le bonheur prisonnier*.
ISBN 978-85-418-0483-7

I. Literatura infantojuvenil I. Sala, David. II. Título.

14-05483

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição brasileira agosto de 2014

2ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

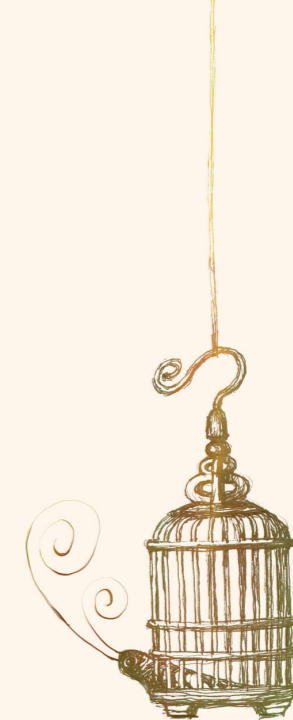
texto Jean-François Chabas

A felicidade aprisionada

ilustrações David Sala

tradução Marcos Bagno





Quando eu era um menino muito pequeno, perguntei à minha bisavó, mostrando a ela a minúscula gaiola pendurada no teto da nossa cozinha:

— Por que é que temos isso aqui, Ná?

Minha bisavó levantou o dedo, fino e enrugado como um gravetinho, e disse:

— Liao, escute bem. Essa gaiola é para o grilo do lar. Uma gaiolinha de ouro. O grilo que nela mora traz a felicidade para esta casa. Ele canta para nós. Ele nos protege. Não somos muito ricos, mas, veja você, demos a ele um ninho de ouro, o que mostra quanto ele é importante.

Levantei a cabeça. O grilo cantava nossa felicidade.





Cresci. Na noite do meu sétimo aniversário, quando fui à cozinha buscar uma tigela de sopa, ouvi sobre minha cabeça o grilo preso na gaiola dourada. Achei que ele já não cantava como de costume. Tive a impressão de escutar meu nome: Liao, Liao... Dei de ombros. Era impossível, claro.

Na manhã seguinte, me levantei cedinho, pois queria brincar com o dragão de madeira que me deram de presente, um belo dragão articulado, com bigodes de pelo de javali, olhos de nácar e coral. Eu levantara antes de todo mundo. Fui à cozinha para ferver a água do chá, mas, enquanto me inclinava sobre o fogo, uma vizinha rouca me chamou:

— Liao! Ei! Liao!

Nenhuma dúvida: a voz vinha da gaiola. Trepei na mesa da cozinha e meus olhos ficaram mais ou menos na altura das gradezinhas de ouro. O grilo suspirou.

— Até que enfim! Já estava achando que você jamais me escutaria!

Oh! Por um triz o susto não me derrubou no chão.

— Liao? Tudo bem? — perguntou o pequeno prisioneiro.

— Sim, quer dizer, ninguém espera ouvir um grilo falar, não é? Espere aí! Entendi! Você já foi gente e uma bruxa má ou um mago impiedoso, alguém com poderes mágicos, castigou você transformando-o em grilo! Que coisa horrível!

O pequeno prisioneiro coçou a cabeça com uma das patas.

— Acha minha condição horrível? Muito obrigado! Não houve castigo algum, que bobagem! Fique sabendo que nós, grilos, somos as criaturas mais belas e mais inteligentes sobre a face da Terra!

— Ah, é?

— Claro! Sempre fui grilo e espero continuar assim! Você sentiria muito orgulho se o transformassem em grilo!

Dei um salto para trás e quase caí da mesa pela segunda vez.

— Não! Não! É muita gentileza da sua parte, mas não, obrigado, não precisa!

— Não tema. Meus poderes não chegam a tanto, não tenho como lhe dar esse presente — disse o grilo, meio envergonhado. — Meu caro Liao, todos os grilos falam a língua humana. Mas é também verdade que, em geral, evitamos fazê-lo, pois as pessoas ficam com medo e, quando se assustam, têm o péssimo hábito de nos esmagar.



Mesmo sentindo ainda um pouco de medo,
continuei a conversar com nosso prisioneiro.

— Mas então por que você resolveu falar comigo, grilo?

— Tenho prestado atenção em você, que me parece
um menino muito perspicaz. Não é um desses tipos
que me esmagariam sem pensar. Como não sou capaz
de abrir a gaiola sozinho, resolvi confiar em você.

— Confiar em mim?

— Eu o escolhi para me devolver a liberdade!

Lembrei-me das palavras de Ná, minha bisavó.

— Grilo, grilo! Não posso fazer isso! Se eu soltar
você, perderemos nossa felicidade!

— Mas o que será da minha felicidade trancado
aqui? — perguntou o prisioneiro, dando um pulinho no
chão da minúscula gaiola.

Eu ia responder, quando minha mãe entrou na
cozinha.

— Liao? O que faz aí, em cima da mesa?

